

Problemas suscitados pela consulta ao oráculo de veneno

dar tempo para que ele reveja o problema com calma, antes de confirmar sua primeira resposta e dar o veredicto final. Viu-se de imediato que o veneno usado nessa sessão era discriminante. Matou a primeira ave e mostrou que não era impotente, pois quando o *benge* é impotente, todas as aves sobreviverem; poupou a segunda ave e mostrou que não era um veneno superpotente, pois quando o é todas as aves morrem. Poupou várias outras aves, mas no final matou a última delas, mostrando que mantinha sua potência. Os Azande buscam essas evidências em cada teste para estabelecer se o veneno é bom.

12

Falta contar como nos velhos tempos as pessoas bebiam veneno de oráculo. É preciso algum cuidado ao considerar a frase zande *mombiri benge* (“beba veneno de oráculo”), pois é uma expressão comum de um príncipe quando quer dizer simplesmente que “você deve submeter seu caso ao oráculo de veneno”. Mas no passado, embora raramente, às vezes algumas pessoas bebiam veneno de fato. Isso podia acontecer de dois modos. Um homem acusado de uma ofensa séria podia oferecer-se para beber veneno depois de um teste oracular com aves ter-se pronunciado contra ele. Do mesmo modo, se uma mulher acusasse um homem de ter cometido adultério com ela, ele podia propor que tanto ele quanto a mulher bebessem veneno.

O veneno do oráculo era também ministrado ocasionalmente a meninos escravos em casos importantes envolvendo príncipes. Falava-se a eles na mesma linguagem que às aves. O veneno era misturado com água numa cuia. O menino, sentado no chão e usando um cinto de capim *bingba*, bebia o veneno; e então o interrogador sacudia sinetas e dirigia-se ao veneno dentro dele. Quando terminava sua fala, esfregava a cuia na cabeça do menino e mandava que ele se levantasse. Se o menino alcançava a asa da ave e voltava com ela, eles se dirigiam novamente ao veneno no seu interior e lhe diziam então para re-colocar no lugar a asa da ave. Depois fariam uma terceira e última fala e diriam ao menino para buscar a asa novamente. Então o teste estaria terminado.

Se o veneno fosse matar um menino, não o mataria enquanto estivesse sentado quieto no chão, embora ele sofresse espasmos de dor que o fariam esticar os braços para trás, ofegando para respirar. Quando o menino caía, faziam-se esforços, com o consentimento do rei, para revivê-lo, ministrando-lhe uma mistura viscosa feita da planta *mboyo*, da árvore *kypoyo*, e sal. Isso fazia com que vomitasse o veneno. Depois ele era levado para um riacho, colocado à sombra, e despejava-se água fria em seu rosto.

1

Descrevi para muitas pessoas na Inglaterra os fatos relatados no último capítulo. Em sua maioria, elas desacreditaram ou desdenharam deles. Tentavam com suas perguntas explicar o comportamento zande racionalizando-o, isto é, interpretando-o nos termos da nossa cultura. Essas pessoas supõem que os Azande entendem necessariamente as qualidades dos venenos assim como nós as entendemos; ou que atribuem uma personalidade ao oráculo, uma mente que julga como os homens, mas com maior presciência; ou que o oráculo é manipulado pelo operador, cuja astúcia preserva a fé dos leigos. Indagam ainda sobre o que acontece quando o resultado de um teste contradiz o outro, que deveria ser confirmado para que o veredicto fosse válido; o que acontece quando as descobertas do oráculo são desmentidas pela experiência; e o que acontece quando dois oráculos dão respostas contrárias à mesma pergunta.

Os mesmos problemas — e outros, naturalmente — me ocorreram quando estava na terra dos Azande. Fiz investigações e observações sobre os pontos que me pareciam importantes. Neste capítulo relato minhas conclusões. Antes de apresentá-las, devo advertir o leitor que estamos tentando analisar mais um comportamento que uma crença. Os Azande têm pouca teoria sobre seus oráculos e não sentem necessidade de doutrinas.

Traduzi a palavra *benge* por “trepadeira do veneno”, “veneno de oráculo” e “oráculo de veneno”, conforme o contexto. Mas é necessário assinalar que as idéias zande sobre o *benge* são muito diferentes das noções sobre veneno que prevalecem entre as classes cultas da Europa. Para nós o *benge* é um veneno, mas não para eles.

É verdade que o *benge* deriva de uma trepadeira selvagem da mata; e que se pode supor que suas propriedades residam na trepadeira, isto é, que sejam propriedades naturais; mas aos olhos zande, ele só se torna o *benge* das cunhulas oraculares (e fora dessa situação não se tem qualquer interesse nele) quando foi preparado segundo certos interditos e empregado da maneira tradicional. Para ser mais preciso, apenas esse *benge* manufaturado é *benge*

para os Azande. Desse modo, os Azande dizem que, se por uma ou outra razão, ele está desprovido de sua potência, é apenas “uma coisa qualquer, mera madeira”.

Por isso, perguntar aos Azande o que aconteceria se eles ministrassem uma dose extra de veneno a uma ave que se tivesse recobrado das doses usuais, ou se colocassem algum veneno na comida de um homem, é fazer perguntas tolas. Os Azande não sabem o que aconteceria, não estão interessados nisso, e ninguém foi tolo o bastante para gastar bom veneno de oráculo em experiências tão ridículas. O *benge* propriamente dito é dotado de potência em virtude da abstinência dos interessados e de seu conhecimento da tradição e só funcionará nas condições de uma sessão.

Quando perguntei a um zande o que aconteceria caso se administrasse a uma ave uma dose de veneno atrás da outra, durante uma consulta na qual o oráculo devesse poupar a ave para dar a resposta certa à pergunta, meu interlocutor respondeu que não sabia exatamente o que aconteceria, mas supunha que cedo ou tarde ela estouraria. Ele não aceitou de modo algum a sugestão de que o veneno extra mataria a ave, a não ser que a pergunta fosse subitamente invertida, de modo que o oráculo tivesse de matar a ave para dar uma resposta correta — ocasião em que evidentemente ela morreria de imediato.

É certo que os Azande não vêem as reações das aves ao *benge* e a ação do *benge* sobre as aves como um processo natural, isto é, um processo condicionado apenas por causas físicas. O oráculo não é para eles uma questão de sorte, como o girar de uma moeda; na verdade cabe perguntar se eles têm qualquer noção que se aproxime do que queremos dizer quando falamos de causas físicas.

Ainda assim os Azande poderiam bem ter uma certa idéia rústica, uma noção de senso comum a respeito dos venenos. Eles poderiam saber que há certos produtos vegetais que matam homens e animais, sem atribuir-lhes propriedades supra-sensíveis. Por certo os europeus freqüentemente atribuem um conhecimento de venenos aos Azande e a outros povos do Sudão meridional. Nenhuma evidência do uso homicida de veneno foi obtida até agora, nem é provável que o seja. Se há um produto com certeza venenoso possuído pelos Azande este é o *benge*; suas propriedades letais são diariamente demonstradas nas aves e algumas vezes foram experimentadas em seres humanos. Ainda assim eles não têm a menor idéia de que poderia ser possível matar gente adicionando veneno em sua comida. Embora os homens sejam freqüentemente suspeitos de usar certas drogas maléficas para matar seus vizinhos, ninguém jamais imaginou um homem usando *benge* como meio de assassinar; se isso for sugerido, um zande dirá que com *benge* não daria certo.

Mas nem sempre é fácil reconciliar as doutrinas azande com seu comportamento — e umas com as outras. Eles dizem que os homens às vezes comem as aves depois de as terem limpado de veneno — uma ação que implicaria o conhecimento das propriedades do *benge* em outras situações. O proprietário de uma ave morta pode tirar seu estômago e pescoço e prepará-la como comida. Meus informantes disseram que se tentava tirar todo o veneno de carcaça. Provavelmente a prática é rara, uma vez que em geral as galinhas utilizadas são demasiado pequenas para fins culinários. Geralmente as aves são jogadas fora ou colocadas numa árvore para serem comidas pelos pássaros, depois de terem as asas cortadas. Além disso, um jovem não comeria aves mortas pelo oráculo, de modo que o dito acima aplica-se apenas aos velhos, e talvez apenas àqueles que não são muito exigentes quanto à comida. Quando protestei a respeito da afirmação de que as pessoas comem aves envenenadas, perguntaram-me: “Que mal pode fazer a um homem o veneno, se ninguém está perguntando nada a ele?” Mekana uma vez observou que seria uma boa brincaadeira dirigir-se ao veneno de oráculo na barriga de um velho que tivesse comido uma ave morta num teste oracular. Poderíamos dizer que ele sugeriu: “Se fulano de tal (nomeando o velho) dormiu com sua mulher na noite passada, oráculo de veneno, mate-o!” Acho que Mekana dificilmente falava a sério com essa sugestão. Todavia, o fato mesmo de limpar o veneno das aves sugere que em alguma medida os Azande têm ciência das propriedades naturais dessas substâncias.

Alguns Azande afirmam que o veneno se deteriora com o tempo, e todos sabem que um certo veneno é mais forte que outros, ou então que o *benge* se torna mais potente quando exposto ao sol, e menos potente quando diluído na água. Sabem que se um cachorro comer uma ave morta pelo oráculo ele pode morrer. (É possível que considerem que o oráculo ainda está trabalhando no interior do cachorro e respondendo à pergunta anteriormente feita; mas não tenha provas de que seja este o caso. É possível também que, quando os homens limpam as aves mortas pelo oráculo, antes de comê-las, estejam temerosos de que o veneno continue respondendo à pergunta dentro deles e os mate. Não tenho dúvidas de que um zande poderia dar uma razão tão caracteristicamente mística para seu comportamento.)

2

Sem experimentos de laboratório é impossível discernir qualquer uniformidade no trabalho do oráculo. A observação por si só é insuficiente para explicar por que algumas aves morrem e outras sobrevivem. Na verdade os Azande

agem como agiríamos em circunstâncias semelhantes, e fazem os mesmos tipos de observações que faríamos. Eles reconhecem que um veneno é forte e outro é fraco, e dão mais ou menos doses segundo o tipo que estão usando. Ouve-se com frequência durante uma sessão: “Não é bastante forte”, “Você já deu o bastante à ave”, e expressões semelhantes. Mas os Azande são dominados por uma fé poderosa que os impede de fazer experimentos, de generalizar contradições entre os testes e entre veredictos de diferentes oráculos, e entre todos os oráculos e a experiência. Para entender por que os Azande não tiram de suas observações as conclusões que tiraríamos, devemos nos dar conta de que sua atenção está focalizada nas propriedades místicas do oráculo de veneno, e que suas propriedades naturais são de interesse tão pequeno para eles que simplesmente não entram em consideração. Para eles a trepadeira é algo diferente do produto final, usado em condições rituais, e ela raramente consta de suas noções sobre o oráculo. Se a mente de um zande não estivesse focalizada nas qualidades místicas do *benge*, e totalmente absorvida por elas, ele perceberia a significação do conhecimento que já possui. Tal como é, a contradição entre suas crenças e observações só se torna uma contradição evidente e generalizada quando são colocadas lado a lado nas páginas de um tratado etnográfico. Mas, na vida real, esses pedaços de saber não participam de um conceito indivisível — como se, quando um indivíduo pensa no *benge*, tivesse necessariamente de pensar em todos os detalhes que descrevi aqui. Tais detalhes são função de situações diferentes e não estão coordenados. Por conseguinte, as contradições, para nós tão aparentes, não impressionam um zande. Se ele vem a ter consciência de uma contradição, trata-se de uma contradição particular, facilmente explicável em termos da própria crença.

É evidente que o sistema oracular não teria sentido se a possibilidade de o *benge* ser um veneno natural — como um europeu educado o consideraria — não estivesse automaticamente excluída. Quando eu costumava pôr em dúvida a fé zande no oráculo de veneno, defrontava-me ora com assertivas diretas; ora com uma dessas evasivas elaborações secundárias da crença que se ajustam a qualquer situação capaz de provocar ceticismo; ora com uma polidez compadecida — mas sempre com um emaranhado de obstáculos lingüísticos, pois as objeções não formuladas por uma cultura não podem ser adequadamente expressas em sua língua.

Os Azande observam como nós a ação do oráculo de veneno, mas suas observações estão sempre subordinadas à sua crença, servindo para explicá-la e justificá-la. Considere o leitor qualquer argumento que pudesse demolir totalmente as alegações azande sobre o poder do oráculo. Se esse argumento fosse traduzido para as formas de pensamento zande, serviria para sustentar toda a sua estrutura de crenças. Pois as noções místicas são eminentemente

coerentes, inter-relacionadas por uma teia de ligações e ordenadas de tal modo que nunca contradizem diretamente a experiência sensível — ao contrário, a experiência parece justificá-las. Os Azande estão imersos num mar de noções místicas; e, ao falarem de seu oráculo de veneno, fazem-no num idioma místico.

Se não podemos dar conta da fé zande em seu oráculo de veneno — assumindo que eles estão cientes de que se trata de um veneno e simplesmente se conformam ao acaso da ação diferencial do oráculo sobre aves diferentes —, podemos em vez disso tentar compreendê-la, supondo que eles personifiquem o oráculo. Se lhe atribuirmos uma mente, o oráculo zande não é mais difícil de entender do que o de Delfos. Mas os Azande não o personificam. Pois embora nos pareça que devam ver o oráculo como uma pessoa, já que se dirigem diretamente a ele, a questão parece na verdade absurda quando formulada na língua zande. Uma *boro*, uma pessoa, tem duas mãos e dois pés, uma cabeça, uma barriga e assim por diante, e o oráculo de veneno não tem nada disso. Não é vivo, não respira ou se move. É uma coisa. Os Azande não têm qualquer teoria sobre ele; não sabem por que funciona, mas apenas que funciona. Oráculos sempre existiram e sempre funcionaram como funcionam, porque esta é sua natureza.

Se você pressionar um zande para que explique como o oráculo de veneno pode ver coisas distantes, ele dirá que sua *mbisimo*, sua alma, as vê. Pode-se argumentar que se o oráculo de veneno tem uma alma ele é um ser animado. Defrontamo-nos aqui com uma dificuldade que sempre surge quando uma palavra nativa é traduzida. Traduzi a palavra *mbisimo* por “alma” porque a noção que essa palavra exprime em nossa cultura é mais próxima da noção do *mbisimo* das pessoas do que qualquer outra palavra nossa. Os conceitos não são idênticos, e como em cada língua a palavra é usada em muitos sentidos, não é mais possível usar as expressões originais na tradução sem o risco de confusão e distorção grosseiras. Ao dizer que o oráculo de veneno tem um *mbisimo*, os Azande querem dizer pouco mais do que “ele faz alguma coisa”, ou “ele é dinâmico”. Pergunta-se então como funciona, e eles respondem: “Tem uma alma”. Caso se perguntasse como sabem que tem uma “alma”, eles responderiam que sabem por que o oráculo funciona. A palavra *mbisimo* descreve e explica toda ação de ordem mística.

Torna-se bem evidente que os Azande não vêem os oráculos como pessoas quando consideramos os oráculos de atrito* (ou da tábuca mágica) e das

* Ver Apêndice I, glossário (N.T.)

** Rubbing-board oracle (N.T.)

térmitas. O oráculo de atrito é um instrumento de madeira feito pelo homem e só se torna oráculo quando tratado e operado de certa maneira; se um tabu for violado, ele volta a ser apenas um pedaço de madeira entalhada, sem o poder de ver o futuro. As térmitas não são certamente pessoas físicas ou corpóreas; são térmitas e nada mais. Mas se forem abordadas de modo correto são então dotadas de poderes místicos.

É difícil para nós entender como o veneno, a tábua mágica, as térmitas e três gravetos podem ser meramente coisas ou insetos, e ainda assim ouvir o que é dito a eles, prever o futuro e revelar o presente e o passado. Mas quando usados em situações rituais deixam de ser simples coisas e meros insetos e se tornam agentes místicos. E, já que os oráculos são dotados de seus poderes graças ao homem, também será por meio do homem que os perdem. Se um tabu é quebrado, tornam-se novamente meros insetos, coisas e pedaços de madeira.

3

Ocorrerá de pronto a uma mente europeia que a razão provável da morte ou sobrevivência de uma ave é a maior ou menor dose de veneno a ela ministrada, e se avançará a conclusão de que o veredicto depende da habilidade do operador. De fato um europeu está propenso a admitir que o operador trapaceia. Mas creio que está errado nessa suposição. É verdade que o número e o tamanho das doses ministradas às vezes variam, e que mesmo aves de igual tamanho nem sempre recebem o mesmo número de doses; mas supor que os Azande trapaceiam é nada entender da sua mentalidade. Qual seria o objetivo de trapacear? Hoje as declarações do oráculo de veneno não são mais reconhecidas como prova de assassinato ou adultério, de modo que não podem mais ser usadas como um instrumento de justiça e ganho; as perguntas habituais feitas a ele referem-se à saúde e ao bem-estar do interrogador e de sua família. Este quer sempre saber se a bruxaria está ameaçando seus interesses e, se assim for o caso, quem é o bruxo que o condenou a algum mal-estar. Trapacear, longe de ajudá-lo, iria destruí-lo, pois em vez de poder chegar ao verdadeiro bruxo e assim se ver livre de seu destino adverso, chegaria à pessoa errada, ou a ninguém, e será vítima inevitável da sina que o espera. A trapaça é totalmente contra seus interesses. Resultaria provavelmente em sua morte. Mesmo em questões de casamento, em que poderia parecer vantajoso a um zande obter um veredicto favorável, de modo a poder casar-se com determinada moça, seria na verdade fatal trapacear; se ele obtivesse um veredicto incorreto isso significaria simplesmente que sua mulher morreria pouco depois do casamento.

No entanto seria possível argumentar que o consultor do oráculo é uma pessoa, e o operador é outra, e que os sentimentos e propósitos do consultor contam menos que a astúcia do operador. Isso, como veremos no próximo capítulo, pode ser um comentário justo quanto ao funcionamento do oráculo de atrito, mas não cabe no caso do oráculo de veneno, pelos seguintes motivos:

(1) O operador age em público. Sua audiência, toda composta de interessados na disputa ou investigação, senta-se a poucos metros de distância, pode ver o que ele faz e em grande parte dirige suas ações.

(2) Ficou evidente para mim, nas muitas ocasiões em que presenciei as consultas, que o operador estava tão pouco ciente do resultado que seria obtido quanto eu ou qualquer outro observador. Eu concluí, observando suas ações, fala e expressão, que ele se considerava um servidor mecânico do oráculo, e de modo algum seu dirigente.

(3) Às vezes o consultor do oráculo é seu operador. Um homem que acredita no que os Azande acreditam sobre bruxaria e oráculos, e ainda assim trapaceasse, seria um lunático.

(4) Presenciei casos em que era do interesse do operador que as aves vissem, e no entanto elas morreram, e vice-versa.

(5) Não há uma classe especial de operadores. Eles não formam uma corporação ou confraria. A maioria dos adultos homens sabe como operar o oráculo, e qualquer um que o deseje pode fazê-lo. Não se pode usar de trapaça com um praticante do mesmo tipo de trapaça.

(6) Os operadores são geralmente meninos entre 12 e 16 anos, suficientemente grandes para conhecer e observar os tabus de alimentação e jovens o bastante para se absterem de relações sexuais. De todo o país zande, esses inocentes são provavelmente as pessoas que menos sabem trapacear; além disso, não estão em geral preocupados com os problemas dos adultos tipicamente apresentados ao oráculo.

(7) O oráculo se contradiz praticamente a metade das vezes em que se fazem dois testes para a mesma pergunta.

(8) Os Azande não compreendem que o *berige* é um veneno natural, e portanto não sabem nem mesmo que uma trapaça desse tipo seria possível. Dirão do oráculo de atrito que um homem trapaceou com ele, mas nunca se ouvirá a sugestão de que um homem possa ter manipulado desonestamente o oráculo de veneno.

A diferença no número de doses ministradas às aves deve-se a certas regras técnicas de operar o oráculo. Há um número comum de doses para aves de diferentes tamanhos, mas o oráculo dá suas respostas por intermédio das

aves, sendo esta a única maneira pela qual ele pode falar; de modo que vêm perceber que a ave foi afetada pelo veneno, porque assim eles sabem que a pergunta foi ouvida, considerada e está sendo respondida. Desse modo, se, depois de duas doses, a ave não parece ter sido absolutamente afetada, mesmo que este seja o número comum de doses para uma ave daquele tamanho, uma terceira dose pode ser dada. Se a ave permanece inabalável, eles sabem que o oráculo dará um veredito claro, poupando-a; e que respondeu sem hesitações, pois, já que matou outras aves no mesmo dia, é sabidamente um *benge* de boa qualidade, que pode matar aves se assim quiser.

Observei que os Azande às vezes dão menos doses no segundo teste, o *gingo*, que no primeiro. Eles não estão tentando trapacear, mas não querem gastar o veneno valioso. O objetivo do segundo teste é verificar se o oráculo estava funcionando corretamente quando deu sua primeira resposta. Isso pode ser provado claramente tanto após uma ou duas doses como após três ou quatro, e é apenas desperdício ministrar doses extras.

Os Azande sabem que em disputas civis, relativas a bruxaria ou adultério, por exemplo, o homem escolhido para consultar o oráculo de veneno tem a possibilidade de trapacear de uma outra maneira. Um homem não mexeria no veneno, porque não acredita que seja possível alterar o veredito de um oráculo quando o veneno foi ministrado a uma ave; mas ele pode arranjar uma asa de galinha sem ter absolutamente consultado o oráculo de veneno; pode simplesmente matar uma ave e cortar a asa. Os Azande dizem que isso às vezes acontece, mas o perigo é pequeno, porque o ancião que faz o teste normalmente traz duas ou três testemunhas consigo. Além disso, um homem que esteja convencido de que não teve um teste correto pode apelar para o rei, e se seu oráculo de veneno declara esse homem inocente, o rei mandará buscar o ancião e lhe dirá que ele é trapaceiro, mentiroso e nunca mais poderá conduzir consultas oficiais.

4

Que explicação dão os Azande quando o oráculo se contradiz? Uma vez que eles não compreendem as propriedades naturais do veneno, não podem explicar cientificamente a contradição; como não atribuem uma personalidade ao oráculo, não podem atribuir suas contradições à volição; e, já que não traçavam, não podem manipular o oráculo para evitar contradições. O oráculo parece ser ordenado de modo a fornecer um número máximo de contradições evidentes, pois, como vimos, em questões importantes um único teste é inaceitável, e o oráculo deve matar uma ave e poupar outra para que o veredito seja válido. Como bem podemos imaginar, o oráculo frequentemente

mata ou poupa ambas as aves, e isso nos provaria a inutilidade de todo o processo. Mas, para os Azande, isso prova o contrário. Eles não se surpreendem com as contradições; esperam-nas. Por paradoxal que seja, os erros, bem como os julgamentos válidos do oráculo, provam sua infalibilidade. O fato de que o oráculo erre por causa da intervenção de algum poder místico mostra que os julgamentos quando tais poderes são excluídos.

As elaborações secundárias da crença que explicam o fracasso do oráculo atribuem-no a: a) coleta da variedade errada de veneno; b) violação de um tabu; c) bruxaria; d) ira dos proprietários da floresta onde cresce a trepadeira; e) idade do veneno; f) ira dos espíritos; g) feitiçaria; h) uso.

Se na primeira sessão o oráculo mata as aves indiscriminadamente, uma após a outra, sem poupar nenhuma, os Azande dizem que se trata de um veneno “tolo”. Correm com mais frequência sessões nas quais o veneno não afeta as aves, quando eles dizem que é um “veneno fraco” ou “morto”. Se quatro galinhas de tamanho médio passam sucessivamente incólumes pelo veneno, interrompe-se a sessão, e depois o veneno será jogado fora. Tendo perdido sua potência, não há como recuperá-la, ao passo que se é superpotente o veneno pode, depois de guardado por algum tempo, tornar-se bom, isto é, tornar-se discriminante. Às vezes, quando as aves parecem não ter sido absolutamente afetadas pelo veneno, eles administram as doses usuais a uma delas fazendo ao oráculo a pergunta direta: “Se você é um bom oráculo de veneno, mate esta ave. Se você é um oráculo de veneno inútil, poupe-a!” Se o veneno é um “bom veneno” ou um “veneno forte”, ele pode demonstrar sua potência imediatamente.

O veneno pode ser superpotente porque os coletores tiraram-no do tipo errado de trepadeira, pois há duas variedades de trepadeira de veneno, a chamada *nawda* e a chamada *andegi*. A *andegi* mata as aves sem considerar as perguntas feitas. É desnecessário buscar uma causa, pois ao observar sua ação os Azande sabem imediatamente que se trata da *andegi*; então embrulham-na em folhas, escondem-na e esperam alguns meses para que “esfrie”. Se depois desse tempo ela ainda permanece “tola”, jogam-na fora ou tentam descobrir se a bruxaria ou alguma outra causa é responsável pelo fracasso em proferir julgamentos corretos.

A explicação que menciona a *andegi* é trazida à baila apenas quando o veneno é recém-colhido e está sendo testado para determinar seu valor. Se um Pacote de veneno até então tido como boa *nawda* vem a matar todas as aves numa sessão, deve-se buscar outra causa para isso; seu comportamento é geralmente atribuído à bruxaria.

Se, no teste preliminar ou em qualquer teste posterior, o veneno se mostra impotente e não mata uma única ave, os Azande geralmente atribuem seu

comportamento à quebra de tabu. Hoje, quando o veneno é freqüentemente comprado de Azande congolezes, há o sério risco de que tenha sido poluído por um dos intermediários; uma vez em contato com uma pessoa impura, ele está estragado para sempre.

A bruxaria é sempre citada como uma explicação para veredictos errados. Ela pode também tornar o oráculo impotente, embora isso seja em geral atribuído à quebra de tabu. De um modo geral a presença de bruxaria é demonstrada quando o oráculo mata duas aves em resposta à mesma pergunta, ou poupa duas aves em resposta à mesma pergunta, quando já matou uma ave na mesma sessão. Em tais casos o veneno é evidentemente potente, e seu fracasso em proferir julgamentos corretos pode se dever à influência passageira de bruxaria. A sessão pode então ser suspensão e reiniciada um outro dia, na esperança de que a bruxaria não esteja mais operante. Todavia, a não ser que o oráculo cometa muitos erros consecutivos, os Azande geralmente não encerram uma sessão, pois em geral a interferência de bruxaria no trabalho do veneno afeta uma só pergunta em particular, sem influência sobre a resposta às outras perguntas. O bruxo está impedindo que o oráculo dê uma resposta precisa a certa pergunta que lhe diz respeito, e não tentando interferir sobre as perguntas que não lhe interessam; tampouco deseja destruir completamente o veneno.

Às vezes o veneno se recusa a funcionar corretamente num determinado dia porque o operador está com azar: "sua condição é má", como dizem os Azande. Isso significa que há bruxaria à sua volta e que, ao entrar em contato com o oráculo de veneno ele lhe transmitiu má sorte, de modo que a condição do veneno também se torna má. Às vezes interrompem-se as perguntas para indagar do oráculo se ele está sendo perturbado por bruxaria; as pessoas dizem que ele pode então matar uma ave depois de ter sido incapaz de fazê-lo antes, ou poupar uma ave depois de ter matado todas as anteriores, de modo a informar ao interrogador que há bruxaria presente. Um homem não pergunta a um pacote de veneno se um outro pacote é bom.

Se no primeiro teste depois de colhido o oráculo de veneno não funciona — e o homem que o colheu está certo de que observou os interditos exigidos e de que o veneno não entrou em contato com qualquer influência poluente —, sua impotência pode ser atribuída à ira dos proprietários do solo de onde foi extraído. Ou pode-se dizer que algum estrangeiro poluiu o veneno sem conhecimento do coletor quando o grupo estava na viagem de volta. Tais explicações no entanto raramente são dadas e dificilmente seriam aceitas. O homem que recorre a elas é alguém que deseja se eximir de responsabilidade.

Às vezes ouve-se dizer que um pacote de veneno perdeu seu poder porque foi guardado por muito tempo. Contudo, muitos negaram-me essa possibilidade, afirmando que a quebra de tabu, a bruxaria, ou alguma outra causa deve ser a responsável pela perda de força.

Diz-se ocasionalmente que os espíritos são os responsáveis. Afirma-se que, se um homem colhe veneno de oráculo no Congo e esquece de ofertar parte dele a seu pai como primícias, os espíritos podem corrompê-lo.

Finalmente qualquer veneno perderá seu poder com o uso. Em geral prepara-se para uma sessão mais veneno do que aquele que será usado nos testes. Ao final da sessão recolhe-se o que sobrou e guarda-se separadamente do não-usado. O veneno pode ser empregado ao menos duas vezes; se é de boa qualidade, até três ou quatro. Ocasionalmente prepara-se uma mistura de veneno fresco e usado. Finalmente sua força se esgota. Os Azande sabem quando isso acontece e dizem simplesmente: "Ele está esgotado", sem sugerir qualquer causa mística para a perda de potência.

Às vezes o veneno age de modo peculiar no interior da ave, e é preciso experiência para interpretar corretamente suas reações. Às vezes uma ave que parece ter sobrevivido ao ordálio morre mais tarde, quando está a correr no capim, ou mesmo depois que seu proprietário a levou de volta para casa. Nunca vi uma ave reviver depois de ter caído aparentemente sem vida no chão, mas disseram-me que isso ocasionalmente ocorre. De fato um dia ouvi Mbira gabando-se de ter interpelado uma galinha aparentemente morta há um bom tempo com tal veemência e bom senso que ela finalmente sobreviveu. Quando ocorrem essas coisas os jovens azande nem sempre sabem como interpretá-las, mas os homens mais velhos e experientes raramente se atrapalham em explicar o comportamento da ave. As pessoas só decidem realmente agir com base num veredicto do oráculo se este é dado sem ambigüidade.

Se uma ave agoniza devagar e então subitamente se recobra, isso significa que há alguma influência má pairando sobre o operador. "Sua condição é má." As aves podem morrer devagar, numa longa série de espasmos, como se o veneno estivesse indeciso quanto a matá-las, e isso provavelmente significa que há bruxaria tentando influenciar o oráculo.

Oráculo deve responder à pergunta por uma afirmativa ou por uma negativa, mas às vezes ele vê mais do que o que foi perguntado e quer fazer com que as pessoas saibam o que viu. Por exemplo, pode-se perguntar a ele se um homem será embruxado caso faça uma viagem, e o oráculo sabe que, embora ele não vá sofrer bruxaria, sua família será vítima dela durante a ausência do homem, ou ele próprio será atacado por feitiçaria. Ou pode-se perguntar se determinado homem ficará doente este mês, e o oráculo vê que, embora ele

vá estar bem-disposto este mês, ficará doente no seguinte. O oráculo tenta contar essas coisas às pessoas e ao mesmo tempo responder às perguntas feitas a ele.

5

Foi observado que os Azande agem experimentalmente dentro do quadro de suas noções místicas. Atuam como nós teríamos que agir se não tivéssemos meio de fazer análises químicas e fisiológicas e quiséssemos obter os mesmos resultados que eles. Assim que o veneno é trazido da floresta, ele é testado para se descobrir se algumas aves viverão e outras morrerão sob sua influência. Não seria razoável usar veneno sem primeiro ter verificado se todas as aves às quais ele é ministrado não morrerão ou viverão, pois nesse caso o oráculo seria uma farsa. Cada sessão deve ser em si mesma experimentalmente consistente. Assim, se as três primeiras aves sobreviverem, os Azande ficarão apreensivos, suspeitando que o oráculo não esteja funcionando adequadamente. Mas se então a quarta ave morre, ficam satisfeitos. Dirão: “Você vê, o veneno é bom, ele poupou as três primeiras aves, mas matou esta.” O comportamento zande, embora ritual, é consistente, e as razões apresentadas para esse comportamento, embora místicas, são intelectualmente coerentes.

Se suas noções místicas lhes permitissem generalizar as observações, os Azande perceberiam, como nós, que sua fé não tem fundamento. Eles mesmos fornecem a prova necessária. Dizem que às vezes testam um veneno novo ou velho que suspeitam ter sido corrompido fazendo-lhe perguntas bobas. Na lua cheia dão veneno a uma ave e dirigem-se a ele assim:

Oráculo de veneno, fale à galinha sobre estas duas lanças aqui. Como vou subir ao céu, se perfurarei a lua hoje com minhas lanças, mate a ave. Se não perfurarei a lua hoje, oráculo de veneno, poupe a ave.

Se o oráculo mata a ave eles sabem que está corrompido.

E ainda assim os Azande não vêem que seu oráculo não lhes diz nada! Sua cegueira não se deve à estupidez: eles raciocinam de modo excelente no idioma de suas crenças, mas não podem raciocinar fora ou contra suas crenças, porque não têm outro idioma em que expressar seus pensamentos.

O leitor naturalmente desejará saber o que dizem os Azande quando os fatos subsequentes provam que as profecias do oráculo de veneno estavam erradas. Aqui novamente não se surpreendem com o resultado; ele não prova que o oráculo seja fútil. Prova, antes, quão bem fundadas são suas crenças na bruxaria, na feitiçaria e nos tabus. A contradição entre o que o oráculo disse

que aconteceria e o que realmente aconteceu é tão óbvia aos olhos dos zande como aos nossos, mas eles nunca, nem por um minuto, questionam a validade do oráculo em geral; tentam apenas explicar a imprecisão desse veneno particular.

Além disso, mesmo que o oráculo não fosse desviado da trilha correta da profecia por meio de bruxaria ou magia negra, há outras razões às quais se atribuir seu fracasso. Pode ser que a aventura particular sobre cujo sucesso se estava consultando o oráculo não estivesse à época da consulta sob ameaça de bruxaria, mas que um bruxo tenha intervindo em algum momento posterior, entre a consulta e o começo do empreendimento.

Os Azande vêem tão bem quanto nós que o fracasso de seu oráculo em fazer profecias corretas pede uma explicação, mas estão de tal modo entredados em noções místicas que precisam recorrer a elas para explicar o fracasso. A contradição entre a experiência e uma noção mística é justificada por meio de outras noções místicas.

Normalmente há pouca chance de se provar que o oráculo errou, pois normalmente as perguntas que lhe são feitas não podem ser desafiadas pela experiência subsequente, já que o interrogador aceita o veredito e não busca confirmá-lo pela experiência. Assim, se um homem perguntasse ao oráculo: “Se construir minha casa em tal ou qual lugar, morrerá lá?”; ou: “Se meu filho for apadrinhado por fulano nas cerimônias de circuncisão, ele morrerá?”; e se o oráculo respondesse “sim” a ambas as perguntas, ele não construiria sua casa no lugar nefasto nem permitiria que seu filho tivesse como padrinho o homem não-auspicioso. Conseqüentemente, nunca saberia o que teria acontecido se não tivesse seguido o conselho do oráculo. Do mesmo modo o veredito do oráculo está em geral de acordo com o curso da natureza; assim, se um homem receber a resposta de que é seguro casar-se com determinada jovem porque ela não morrerá nos próximos anos, ou que ele garantirá sua colheita de eleusina se semeá-la em certo terreno no mato, seria pouco provável que o oráculo se mostrasse inverídico, já que as chances de morte da jovem ou de destruição da resistente eleusina são pequenas.

Além disso, apenas certos tipos de pergunta são regularmente feitas ao oráculo, perguntas relativas à bruxaria, doença, morte, viagens longas, luto e vingança, mudança de local de residência, longos empreendimentos agrícolas ou caçadas, e assim por diante. Não se pergunta ao oráculo de veneno sobre pequenos problemas ou coisas que envolvam precisão minuciosa com relação ao tempo. Não se fazem perguntas do tipo: “Matarei um antílope se for caçar amanhã?”, e assim não se recebem instruções imediatas detalhadas que poderiam estar erradas, revelando a falsidade do oráculo.

De hábito os Azande não fazem perguntas cujas respostas possam ser facilmente comprovadas pela experiência; fazem apenas perguntas que envolvem a contingência. As respostas não podem ser testadas, ou, caso se revelem errôneas em vista dos acontecimentos subsequentes, devem permitir a explicação do erro. Em último recurso, os erros sempre podem ser explicados por uma interferência mística. Mas não há necessidade de se supor que o zande esteja ciente de que evita colocar questões claras. Restringindo suas perguntas a certos tipos bem conhecidos, ele age conforme a tradição. Não lhe ocorre testar o oráculo experimentalmente, a não ser que tenha sérias suspeitas quanto a uma amostra particular de veneno.

Além disso devemos lembrar que o valor do oráculo está na sua habilidade em revelar o jogo de forças místicas. Quando os Azande indagam sobre saúde, casamento ou caça, eles estão buscando informação sobre o movimento das forças psíquicas que lhes podem causar dissabores. Não estão tentando simplesmente descobrir as condições objetivas num determinado momento do futuro, nem os resultados objetivos de determinada ação, mas a inclinação dos poderes místicos de que dependem tais condições e resultados. Então, quando o oráculo anuncia um horizonte sombrio para um homem, este fica contente de ter sido avisado, porque agora que conhece as disposições da bruxaria pode entrar em contato com ela e fazer com que o futuro lhe seja mais favorável.

Com seus oráculos um zande pode descobrir as forças místicas que pairam sobre um homem e o condenam antecipadamente; tendo-as descoberto, pode opor-se a elas ou alterar seus planos de modo a evitar o destino que lhe espera numa aventura particular. Assim, é evidente, as respostas que recebe não se referem em geral a acontecimentos objetivos, e portanto não podem ser facilmente contrárias à experiência.

No entanto, observei frequentemente que os Azande, ao serem informados de que a doença os espreita, nem sequer tentam descobrir o nome do bruxo responsável e fazer com que este sopra água; apenas esperam alguns dias e então consultam novamente o oráculo, para descobrir se sua saúde será boa no mês seguinte, esperando que na época da segunda consulta a má influência que pairava sobre o futuro quando da primeira consulta não mais esteja atuante.

Disso deriva que o presente e o futuro não têm para os Azande exatamente o mesmo significado que para nós. É difícil formular o problema em nossa linguagem, mas pareceria, a partir do seu comportamento, que para eles o presente e o futuro sobrepõem-se de algum modo, como se o presente participasse do futuro. Assim, a saúde e a felicidade futuras de um homem depen-

dem de condições que já existem, que podem ser expostas pelo oráculo e alteradas. O futuro depende da disposição de forças místicas que podem ser enfrentadas aqui e agora. Além disso, quando os oráculos anunciam que alguém ficará doente, isto é, será embruxado num futuro próximo, sua "condição" já está portanto má, seu futuro já é parte dela. Os Azande não podem explicar essas questões, contentando-se em acreditar e atuar sobre elas.

Da mesma forma o oráculo é protegido por sua posição na ordem dos eventos. Quando um zande deseja executar um bruxo que matou um de seus parentes, ou um ladrão que lhe roubou algo, ele não pede ao oráculo para identificar o bruxo e o ladrão, para então fazer magia contra essa pessoa conhecida; ele primeiro faz magia contra um criminoso desconhecido, e quando morre alguém na vizinhança, pergunta ao oráculo se esta é a vítima de sua magia anterior.

Mas, apesar das muitas maneiras pelas quais a crença no oráculo de veneno se sustenta, poder-se-ia duvidar de que mantivesse seu prestígio numa comunidade democrática. No país zande seus veredictos têm uma sanção histórica pelo fato de que eram tradicionalmente sustentados pela plena autoridade do rei. As decisões do oráculo do rei eram finais. Se pudesse caber qualquer recurso contra elas dirigido aos oráculos privados, ocorreria uma confusão generalizada, já que todo mundo poderia produzir veredictos oraculares para apoiar seu próprio ponto de vista, e não haveria como decidir entre eles. Conseqüentemente, em disputas legais, a autoridade do oráculo de veneno era primeiramente a autoridade do rei, e isso por si só tenderia a evitar qualquer desafio sério à sua veracidade.

6

Há um problema final a ser discutido. Como disse em capítulos anteriores, cada situação exige um modelo particular de pensamento que lhe seja adequado. Assim, um indivíduo empregará numa dada situação uma noção que ele exclui em situação diferente. As muitas crenças que relatei aqui são como diferentes instrumentos de pensamento, e um zande seleciona aquelas que lhe são mais favoráveis. Ele não aceita prontamente um veredicto oracular que seja seriamente conflitante com seus interesses. Ninguém acha que o oráculo é um absurdo; mas todos acham que por alguma razão específica, neste caso particular, este veneno que se usou está errado. Os Azande são céticos apenas quanto a oráculos particulares, não quanto aos oráculos em geral, e seu ceticismo é sempre expresso num idioma místico que garante a validade do oráculo de veneno como instituição.

À parte os casos criminais, tampouco pode haver dúvida de que um homem se aproveite de cada brecha que o oráculo lhe permite para obter o que quer, ou para deixar de fazer o que não quer. Além disso ele usa a autoridade do oráculo para desculpar sua conduta ou para obrigar os outros a aceitá-la. O oráculo é muito útil, por exemplo, no caso em que a mulher de alguém deseja se ausentar de casa para visitar os pais. É difícil ao marido proibir a visita, mas se ele puder dizer que os oráculos não a aconselham a fazer isso, poderá tanto impedi-la como bloquear quaisquer objeções por parte dos parentes afins.

Nas condições reais de funcionamento do oráculo, os Azande gostam de receber uma previsão favorável no primeiro teste e de adiar o teste corroborativo que pode contradizê-lo pelo maior tempo possível. A tradição permite-lhes certa liberdade quanto à ordem em que dispõem suas perguntas ao oráculo e quanto ao número de doses administradas às aves. Há uma arte de interrogar o oráculo, pois como ele deve responder “sim” ou “não” a uma pergunta, um homem pode definir os termos da resposta afirmando-os na pergunta. Por meio de sutis interpretações das reações das aves ao veneno, sempre é possível qualificar as declarações dadas pelos oráculos ao matá-las ou poupá-las.

Em tudo isso os Azande não estão trapaceando. Para suas necessidades individuais em determinadas situações um homem lança mão das noções que mais favorecem seus desejos. Os Azande não podem ir além dos limites estabelecidos por sua cultura e inventar noções; mas, no interior desses limites, o comportamento humano não é rigidamente determinado pelo costume, e sempre se tem alguma liberdade de ação e de pensamento.

Outros oráculos azande

I

Depois do oráculo de veneno, os Azande respeitam o *dhkpa*, ou oráculo das térmitas. Não se coloca um veredicto do oráculo das térmitas diante do oráculo de atrito para confirmação, e não se coloca um veredicto do oráculo de veneno para que as térmitas o confirmem. Se mais de um oráculo é consultado, eles lançam mão sempre do menos importante antes de recorrer ao mais importante, na seguinte ordem: 1) oráculo de atrito; 2) térmitas; 3) oráculo de veneno. O *dhkpa* é o oráculo de veneno dos pobres. Não se gasta muito, porque basta a um homem achar uma termiteira e enfiar dois ramos de árvores de espécies diferentes numa das cavidades e voltar no dia seguinte para ver qual dos dois as térmitas comeram. O principal inconveniente desse oráculo do ponto de vista zande é o fato de ele ser demorado e restrito. Leva uma noite inteira para responder a uma pergunta, e muito poucas perguntas podem ser feitas ao mesmo tempo.

Em todas as questões importantes as decisões do oráculo das térmitas devem ser corroboradas pelo oráculo de veneno. Mas como o veneno é caro, fica mais barato obter veredictos preliminares das térmitas e recorrer ao oráculo de veneno apenas para a decisão final. Assim, um homem descobre que, dentro meia dúzia de locais, há um mais adequado para ele construir sua casa — e então coloca a escolha das térmitas diante do oráculo de veneno para confirmação. As mulheres e os homens podem consultar o oráculo das térmitas, e as crianças às vezes usam-no. Todos o conhecem e podem utilizá-lo.

Esse oráculo é considerado muito seguro — bem mais que o de atrito. Os Azande dizem que as térmitas não prestam atenção ao falatório doméstico, escutando somente as perguntas que lhes são dirigidas. Os homens mais velhos procuram consultar o oráculo das térmitas no começo de cada mês para saber se continuarão a ter boa saúde. Um homem rico faz essa mesma pergunta ao oráculo de veneno.

Em língua zande, o oráculo recebe seu nome de uma das árvores cujo galho é enfiado na termiteira. Os Azande podem dirigir suas perguntas a esses galhos. Todavia em geral dirigem-se às térmitas, e em seus comentários sobre o oráculo fica claro acharem que estas escutam suas perguntas e respon-